

CVM e BC consideram um sucesso a primeira sessão

por Coriolano Gatto
do Rio

O primeiro leilão para a conversão da dívida externa em investimento de risco ocorrido ontem na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro foi considerado um sucesso pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e pelo Banco Central (BC), os órgãos do governo responsáveis pelo acompanhamento da operação.

Quando os trabalhos foram encerrados no final da tarde — após mais de três horas de leilão —, ficou claro para os técnicos do governo de que não é preciso fazer mudanças, mas apenas alguns ajustes técnicos com vistas a tornar mais ágil a transação. O próximo leilão será na Bovespa, no mês de abril, ainda sem data marcada.

“Foi um grande sucesso”, disse, eufórico, o presidente da CVM, Arnold Wald. Na sua opinião, porém, o desconto no leilão destinado à injeção de recursos nas áreas incentivadas — as regiões Nortes e Nordeste, Vale do Jequitinhonha e Espírito Santo — poderia ser um pouco maior (foi de 10,5% o deságio). “Não há necessidade de mudanças, mas apenas alguns ajustes”, observou.

Entre estes ajustes, explicou o diretor da área de mercado de capitais do BC, Keyler Rocha, estaria um melhor aperfeiçoamento em cada lance do leilão, que pela atual sistemática sobe sempre a cada 0,5 ponto percentual no deságio. Rocha contou, apenas a título de exemplo, que não há necessidade de cada corretora fazer uma proposta para um deságio tão baixo se já existem pedidos para um maior desconto. Neste caso, a operação poderia ser simplificada e com isso o leilão se realizaria em um tempo menor.

O diretor da dívida pública do BC, Juarez Soares, da mesma forma, levantou a hipótese de no próximo leilão ser estipulado um deságio mínimo e descartou inteiramente a possibilidade de eliminação do desconto no esquema de conversão, como desejam os grandes credores.

Com o leilão de ontem, Carvalho Rocha contou aos jornalistas que o Tesouro Nacional terá uma economia de US\$ 1,1 bilhão na

parte dos créditos a serem convertidos referentes à dívida vincenda. Isso porque os pedidos chegam a um montante de US\$ 3 bilhões líquidos, e tomando por base o deságio de 27%, dá um valor bruto de US\$ 4,1 bilhões. “O leilão foi transparente e uma grande festa”, disse o diretor do BC.

Apesar de muito animado com o primeiro teste na bolsa de valores, o presidente da Câmara de Comércio norte-americana, Gilberto Prado, defendeu a conversão dos créditos originais dos bancos internacionais sem deságio. Prado revelou, de qualquer forma, que o Manufactures Hanover Trust — ele preside no Brasil a empresa de arrendamento mercantil do banco — tem plano para converter uma parcela do crédito total de US\$ 2,3 bilhões.

Já o presidente da Associação Brasileira das Companhias Abertas (Abrasca), Roberto Faldini, não escondeu o seu entusiasmo com o leilão e acha que o sucesso da operação residiu justamente na forma livre como as corretoras atuaram, disputando palmo a palmo cada lance. Por isso, as regras não precisam ser mudadas para o próximo leilão.

O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo, por sua vez, ficou surpreso com a intenção do governo de promover ajustes técnicos no leilão que ocorrerá em abril. Para ele, quanto menor a intervenção do governo no mercado, maiores são as chances de sucesso da conversão da dívida externa. Juarez Soares ressaltou, contudo, que a conversão não pode contribuir para a expansão da base monetária. “Ela não pode desordenar a economia”, frisou, ao acenar para possíveis correções no futuro no rumo da troca de débitos externos do governo brasileiro por cruzados.

Cristiano Buarque Franco Neto, que comanda a Associação Brasileira dos Bancos de Investimento (Anbid), chamou a atenção para o fato de que tornar o leilão mais ágil é uma medida correta, desde que não prejudique a própria disputa entre os corretores na busca da melhor proposta.